

A força da Igreja na maior cidade católica do planeta

Quase três mil religiosos formam o "exército" de dom Paulo Arns

PEDRO DEL PICCHIA

Ele é homem de absoluta confiança de João Paulo 2.º. E não poderia ser de outra forma. Afinal o Papa o mantém prestigiado, à frente da maior Arquidiocese do mundo. Torre avançada da renovação da Igreja, é reconhecida por um religioso polêmico. Capaz de despertar a afeição empática do humilde morador da periferia, igualmente provoca antipatias e inveja, até nas altas cúpulas eclesiais. Existe, hoje, plantado nos corredores da Santa Sé, um "lobby" que, quase às claras, o combate, até o momento sem sucesso. Alguém muito próximo ao Pontífice certa vez o chamou de "o nosso general de Deus". Ele é o cardeal Paulo Evaristo Arns que, aos 60 anos, comanda a maior concentração de católicos numa mesma área urbana.

Para exercer seu ministério, esse franciscano fiel ao espírito primitivo do santo fundador de sua ordem, dispõe de um considerável exército de sacerdotes, freiras e leigos espalhados pelo território da Arquidiocese de São Paulo, que vai de Santana a Itapeverica da Serra, de São Miguel a Osasco, englobando a maior parte da chamada Grande São Paulo. Mas para os dez milhões de habitantes da área arquidiocesana, garante o cardeal, o número de pessoal disponível é insuficiente.

AUXILIARES

Na direção dos negócios da Igreja em São Paulo, dom Paulo Arns conta com a colaboração de nove bispos-auxiliares, que dividem a responsabilidade pela atuação dos 787 padres e religiosos e das quase duas mil freiras da Arquidiocese.

Dos sacerdotes, 351 fazem parte do clero secular (padres que não pertencem a congregações) e os 436 restantes dividem-se entre as 69 ordens religiosas masculinas. As freiras e irmãs, por sua vez, estão espalhadas por 139 ordens.

Das congregações masculinas, a mais numerosa é a dos Jesuítas, com 68 membros. Seguem-se as dos Salesianos, com 57; a dos Franciscanos, com 51; a dos Agostinianos, com 34; a do Verbo Divino, com 24; a dos Beneditinos, com 23; a dos Claretianos, com 21, a dos Dominicanos, com 20.

Há ainda congregações que no território da Arquidiocese estão representadas, às vezes, por um só religioso, como são os casos das ordens dos Cistercienses, dos Lourdistas, ou dos Pavonianos. Como esta última, há pequenas representações de congregações de nomes praticamente desconhecidos, até mesmo em ambientes católicos. Exemplos: Palotinos, Barnabitas, Betharramitas, da Consolata, Estigmatinos, Doutrinários, Monfortinos, Orionitas, Premonstratenses, Servitas etc.

Toda essa legião do clero, secular ou religioso, divide-se entre atividades paroquiais, de ensino, de caráter social, médicas e administrativas.

ARQUIDIOCESE

A Arquidiocese possui 367 paróquias regulares, espalhadas pelas nove Regiões Episcopais — cada uma destas dirigida por um bispo-auxiliar, menos a de Santo Amaro desde que dom Mauro Morelli foi transferido para o Rio de Janeiro, há meses. A Região com maior número de paróquias é a da Sé, com 59 igrejas. A seguir está Santana (55), Belém (51), Lapa (43), Osasco (38), São Miguel (34), Santo Amaro (32), Ipiranga (31) e, por último, Itapeverica da Serra, com 24 paróquias.

Além disso, há em São Paulo nove paróquias pessoais (de comunidades particulares), duas de Ritos Orientais e oito Capelanias de línguas estrangeiras.

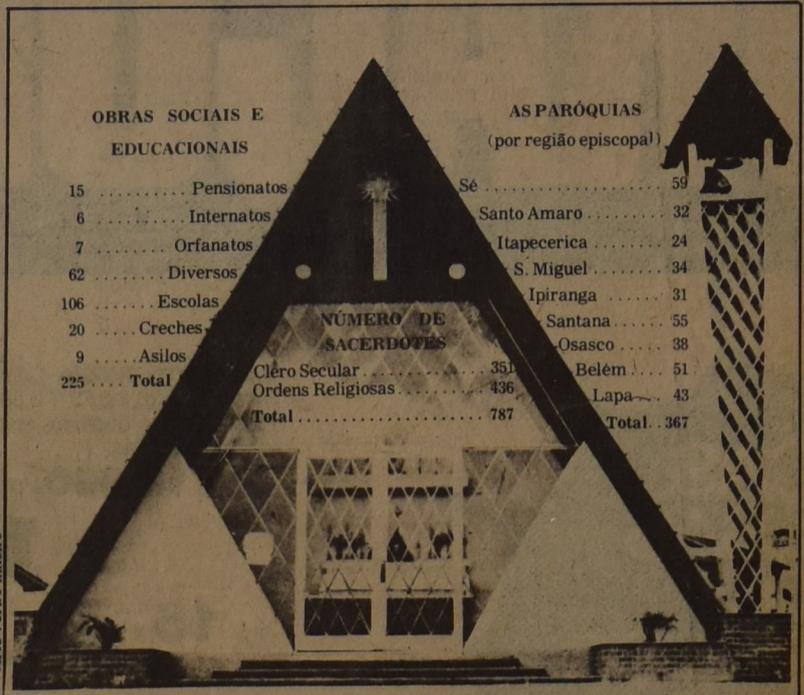
Também nas unidades militares acantonadas em território arquidiocesano, a Igreja está presente através das Capelanias do Exército (um sacerdote), da Aeronáutica (dois sacerdotes) e da Polícia Militar (três sacerdotes).

Parte considerável das paróquias regulares dispõe de pequenas instalações, onde funcionam os Centros Comunitários — peça essencial da estratégia de implantação da Igreja nos bairros populares, em particular da periferia. A Arquidiocese já tem em operação cerca de 150 desses centros e continua a erguê-los, apesar das dificuldades financeiras. Aliás, é significativo lembrar que pouco depois de assumir a condução da Igreja em São Paulo, em 1970, o cardeal Arns vendeu o Palácio Episcopal e empregou o dinheiro arrecadado na construção dos primeiros Centros Comunitários da periferia. Gesto legendário, comemorado até hoje em toda parte pela Igreja da renovação.

COMUNIDADES

Os Centros Comunitários abrigam atividades religiosas, sociais e de recreação, mas principalmente constituem abrigo fixo das Comunidades Eclesiais de Base. Essas Comunidades reúnem católicos leigos em torno de um agente pastoral (quase sempre, um sacerdote) e formam a rede nervosa que marca de forma pouco vistosa, porém, eficaz, a presença da Igreja na vida social da metrópole e cercanias.

É difícil saber quantos fiéis estão efetivamente integrados às Comunidades de Base. A própria Arquidiocese afirma não dispor de informações precisas. O coordenador da Pastoral de Comunidade Eclesiais de Base, o bispo-auxiliar Fernando José Penteado, "arriscando uma estimativa conservadora", supõe que mais de 50 mil católicos participam de CEBs. Outros informantes menos prudentes falam em cem mil pessoas. A partir de '82, segundo informa dom Fernando Penteado, a Arquidiocese pretende estruturar melhor as relações horizontais e verticais das Comunidades; e com isso, possivelmente, poder-se-á obter números mais precisos sobre seus integrantes.



Em São Paulo, há 787 sacerdotes, divididos por 367 paróquias.

O orçamento de 1982 prevê gastos de Cr\$ 270 milhões

O orçamento da Cúria, a Mitra Arquidiocesana de São Paulo, na denominação jurídica, será de quase Cr\$ 270 milhões em 1982. Segundo o "ministro da Fazenda" de dom Paulo, monsenhor Luciano Túlio Grilli, "esse orçamento é inferior a de qualquer pequeno município paulista, como Itapevi, por exemplo".

As finanças da Igreja em São Paulo, estão organizadas em três níveis: o das paróquias, o das Regiões Episcopais e o da Mitra.

As paróquias têm uma dupla fonte de arrecadação financeira. Elas conseguem obter recursos através das esportulas (esmolas) recebidas por ocasião dos sacramentos (batismos, casamentos etc) e por meio de quermesses, promoções sociais e do dízimo. Mas o monsenhor Grilli esclarece que "o pagamento do dízimo solicitado aos fiéis, dá resultados significativos em apenas cinco por cento das paróquias".

As despesas paroquiais incluem a manutenção das instalações, a compra dos acessórios para a realização dos cultos e do custeio do sacerdote. O salário de um padre é em média de Cr\$ 45 mil, mas daí ele deve tirar o necessário não somente para a sua própria subsistência, como também para a manutenção da Casa Paroquial em que, geralmente, habita.

Grande parte das paróquias, em especial nos bairros afastados, é deficitária e tem que recorrer a recursos da Mitra.

"A nossa filosofia — explica monsenhor Grilli — é a de que a própria comunidade é a primeira responsável pela paróquia. Isto porque acreditamos que não deva haver paternalismo. Como dizia São Paulo, quem prega o Evangelho que viva do Evangelho."

Mas o próprio responsável pelas finanças da Arquidiocese reconhece que em muitos casos as paróquias são obrigadas a pedir auxílio exterior para poderem sobreviver. Então, o pároco recorre à Região Episcopal, que dispõe de caixa para atendimento das paróquias necessitadas. Quando nem a Região está em condições de suprir a demanda de dinheiro de determinada paróquia, recorre-se ao Fundo Arquidiocesano de Manutenção do Clero, estabelecido pela Cúria.

Em princípio, todas as paróquias de São Paulo devem contribuir com dez por cento de sua receita do mês para com a Região Episcopal a que está vinculada. Nos casos de paróquias administradas por sacerdotes de ordens religiosas, esta contribuição cai para cinco por cento (os outros cinco vão para a ordem). Nem todas as paróquias conseguem manter com regularidade essa contribuição.

O segundo nível da estrutura financeira da Arquidiocese é formado pelas

nove Regiões Episcopais, cada uma delas dirigida por um bispo-auxiliar de d. Paulo. A renda da Região Episcopal provém das contribuições mensais das paróquias, das verbas regularmente alocadas pela Mitra e de iniciativas próprias, como festas, promoções artísticas etc. Da Arquidiocese, cada Região receberá Cr\$ 190 mil por mês, no primeiro semestre de '82. A Região mais pobre, a de São Miguel, receberá o dobro e, em compensação, a mais rica, a da Sé, não receberá nada.

INTERCOMUNHÃO

"Por aí — diz monsenhor Grilli, que acumula as funções de vigário-geral e procurador-geral da Mitra — pode-se notar que trabalhamos levando em conta o princípio da intercomunhão de bens. Uma fórmula para a justa repartição, em que os mais dotados ajudam os mais carentes."

No plano geral das finanças da Mitra, a principal fonte de recursos são os aluguéis de imóveis de propriedade da Arquidiocese. A segunda fonte é o Cemitério Getsêmani, que na expressão do vigário-geral "não é um cemitério para pobres, mas é para ajudar os pobres". Em terceiro lugar, vêm as contribuições da Misericórdia e Ad Veniat — duas entidades sociais da Igreja da Alemanha Ocidental. Por fim, há ainda donativos esporádicos, que não atingem um por cento da receita da Cúria.

Agora, com os jazigos do Cemitério Getsêmani chegando ao fim, a Mitra está abrindo uma nova frente para captar recursos, com o loteamento, para venda, de parte da área em que está localizado o Instituto Paulo 6.º, no Taboão da Serra.

DESPESAS

O orçamento da Mitra, este ano, atinge a cifra exata de Cr\$ 260.115.961,86, volume de dinheiro que será gasto, principalmente entre os seguintes itens:

a) Manutenção de estudantes de Filosofia e Teologia, em São Paulo e em Roma; b) Verbas para as Regiões Episcopais; c) Manutenção das diversas Pastorais, como a Universitária, a do Mundo do Trabalho, a da Juventude etc.; d) Despesas de manutenção de bispos e padres; e) Despesa com pessoal de Pastoral e da administração da Cúria; f) Manutenção de veículos, reforma e conservação de imóveis; g) Ajuda à "Igreja Irmã" de Itacoatiara, no Amazonas, onde a Arquidiocese de São Paulo mantém por sua conta um sacerdote, quatro religiosos e quatro leigos; h) Aposentadoria dos padres mais velhos que não estão segurados pelo INPS.

Quanto ao último item, o monsenhor Túlio Grilli explica que hoje, em função da Lei 6.696, de 8 de outubro de 1979, todos os sacerdotes e religiosos pagam contribuições obrigatórias à Previdência Social, equiparados que foram aos trabalhadores autônomos. E, no futuro, a aposentadoria será uma despesa que desaparecerá do orçamento.

As atividades do clero nas áreas do ensino, saúde e comunicações

A Igreja em São Paulo é bastante presente na área do ensino e da saúde. Direta ou indiretamente, administra ou possui 17 hospitais e clínicas (nenhum é da Arquidiocese, mas há alguns de ordens religiosas). No setor de educação, além de estar intimamente ligado à Pontifícia Universidade Católica, o clero é responsável por 106 escolas e seis internatos.

A PUC, embora tenha como seu grão-chanceler o cardeal-arcebispo, dom Paulo Arns, não depende em termos materiais da Cúria. A Arquidiocese, diretamente, é proprietária apenas de uma escola superior, a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Mas três outros centros superiores de estudos eclesiásticos estão, de alguma forma, vinculados à Igreja. São a Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Teologia de Moema, o Instituto de Teologia São Paulo e o Instituto Teológico Pio 11. Há ainda o Centro Latino-Americano de Parapsicologia.

A Igreja é também responsável, no território arquidiocesano, por 20 creches, nove abrigos para idosos, sete orfanatos, 15 pensionatos e 62 obras sociais de características diversas. Possui 19 casas de "retiro, orações, encontros, reuniões e repouso".

Na praça Clóvis Bevilacqua, no número 45, funciona o arquivo geral da Arquidiocese, para onde vai toda a documentação relativa à história da Igreja em São Paulo. O Museu de Arte Sacra, da avenida Tiradentes, está acoplado à Cúria. E, por fim, esta é proprietária do Cemitério Getsêmani, no Jardim Colombo, a maior fonte de renda da Igreja na Capital.

No campo das comunicações sociais, a Arquidiocese paulista edita o semanário "O São Paulo", e publica o boletim informativo do Ciec (Centro de Informação Ecclesiae). A rádio Nove de Julho, de propriedade da Igreja, continua fechada, desde que teve sua concessão cassada há quase dez anos, pelo governo federal.

Nã
tant
bast
vive
cant
do E
dica
dona
gove
milh
banc
tant
pres
Mou
pora
Ac
das
do I
tem
me
toric
prou
supe
aliás
Mou
quar
Nã
as s
hipó
das
sua
so, c
razõ
mini
Quer
cida
ce p
jaca
do os
à esp
O g
faz t
perm
tipo
grav
certa
famo
para
pala
pre
de g
repa
afora
tosa
panh
não s
E un
fazer
arru
Diz
tença
recon
recon
tran
tenh
para
dinã
mend
seja.
AG
julã
autã
segu
epis
blem
A l
não s
a co
tamo
à pol
suste
didat
pelo
evidê
ment
quan
guem
sumã
Poi
episó
revel
conse
daiar
medic
come
O E
de Pa
regin
feuda
taria
ano g
posto
vação
ta Jo
nador
candi
Não é
Ha
revisã
próxi
de Ba
racion
optou
quer
gover
coisa
Natel
tantes
simple
bém
govern
passa
do PD
"Gos
vitória
uma a
um do
homen
seu an
outro).
vocaçõ
esquec
de a o
gens, q
cionam
Ah, o
Figueir
impre
se pror
podem
cebeu
Presid
De q
govern
modelo
bastant
e ao qu
espreitã
tar que
dobra
ocorre
nador
eleição
sa opor
para pa
equitac

cmp 2.1.7.210